

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1905

N.º 165



S. A. Real o Príncipe Herdeiro Luiz Filipe
Pela primeira vez Regente do Reino, na ausencia de S. M. El-Rei

O Príncipe Regente



A não é uma creança e ainda não é um homem aquelle a quem estão n'este momento confiados os destinos de Portugal. Cedo começa a aprendizagem de reinar, o que era, no dizer de outro principe portuguez, tambem moço, um espinhoso officio.

A missão de que está investido S. A. R. marca-lh'a a constituição do Estado, mas tudo leva a crer que o herdeiro da corôa deseje alguma coisa mais de que assignar de cruz os despachos que os ministros lhe apresentem. Se das curiosidades do seu espi-

Compreenderá S. A. que raras vezes a palavra dos aulicos é a palavra da verdade e que nem sempre foram os palacianos os grandes amigos dos principes. *De visu* reconhecerá que no momento que atravessamos é com effeito, espinhosa e ardua a missão constitucional do rei; e com os erros de uns, as ambições de outros, desmandos de governantes e protestos de governados, as responsabilidades avolumam-se ao passo que os tempos correm, os acontecimentos se precipitam, os governos se succedem, as ideias e doutrinas se multiplicam e de todos os lados surgem os problemas sociais.

Na transição da creança para o homem, quando o cerebro mais apto se encontra para assimilar os conhecimentos, todos aquelles que este periodo indeciso nos está apresentando devem ser para o moço principe lição proveitosa e util ensinamento.

Se lançar os olhos para a politica internacional, se atten-



Visconde d'Asseca

Camarista às ordens de Sua Alteza

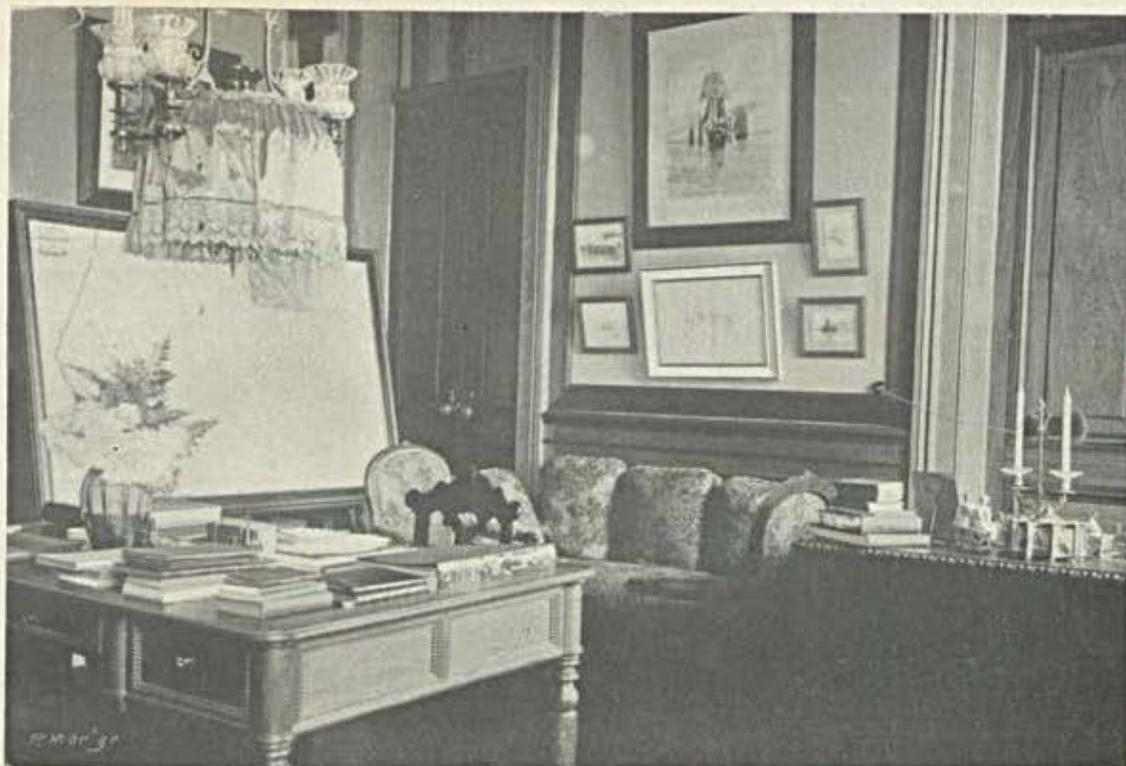


Coronel Antonio Costa

Director dos estudos de Sua Alteza

rito, da cultura do seu cerebro e da subtileza da sua intelligencia é certo o que affirmam e proclamam, o principe herdeiro terá agora ensejo de relancear as vistas para tudo o que o cerca, examinará mais de perto os homens e os acontecimentos, e d'essa observação colherá elementos para o futuro, que para elle começa no dia em que assumir de vez a magistractione suprema da nação.

tar nas relações que Portugal está mantendo com os paizes cultos da Europa, é certo que não lhe apresenta a historia nos ultimos reinados momento mais propicio e feliz. Nunca viu tão consolidada como no reinado de seu pae a velha alliança com a mais poderosa nação europeia, e nunca, tambem como agora, viu tantas sympathias agrupadas em volta do throno portuguez, como se as relações estreitadas com a antiga al-



Gabinete de estudo do Principe Regente

liada precisassem, para robustecel-as, do apoio da Hespanha e da França que com requintes de cortezia e amabilidade estão penhorando a gratidão nacional.

Mas, com a perspicacia de que é dotado o príncipe regente, não devem passar despercebidas ao seu espirito as

plicas, logo em indignações e protestos, devem cavar fundo no seu espirito juvenil e abrir clareiras no seu entendimento, que os aduladores de officio hão de pretender desvirtuar, mas que, para que fructifique, tem de applicar-se um dia aos negocios do Estado, nitido, limpo de preconceitos, superior ás



Gabinete de estudo do Príncipe Regente. — Outro aspecto

nuvens que podem toldar este futuro, e porventura afrouxar e diminuir a garantia dada pelas excellentes relações internacionaes d'este momento. Se por alguns segundos S. A. R. fixar os olhos, não no estrangeiro, mas no que se passa portas a dentro, não é impossivel que de subito se lhe transformem com receios e duvidas os sorrisos da esperança. Não é impossivel que se abale a confiança no futuro e as brumas do receio interceptem os raios do sol.

Os vivos calorosos e entusiasticos que ainda ha pouco ou-

praxes, supremo conciliador dos respeitos da tradição com os interesses do futuro.

Essa intelligencia que tem agora campo aberto para desabrochar cobre-a e protege-a uma aza branca. Como a pomba que ampara e aninha o filho implume, a Rainha lá está ao lado d'elle, rainha, para não o abandonar um só momento, na estrada que o Destino lhe marcou, mãe, para o fortalecer com os seus affectos e inculcar-lhe a força com a ternura.

E amanhã, quando o adolescente se transformar no homem



Dr. Marques Leitão

Professor de mathematica de Sua Alteza



Dr. José Maria Rodrigues

Professor de portuguez e de latim de Sua Alteza

viu reboar em Lisboa, as saudações phreneticas aclamando um hospede illustre que representava instituições oppostas áquellas de que S. A. R. é hoje em terra portugueza o mais alto representante, os erros accumulados pelos governos que se tem succedido, erros que se desentranham agora em sup-

e se tornar definitiva a corôa que é n'este momento provisoria, só então o sr. D. Luiz Filippe deverá reconhecer praticamente que as adulações são perigosas e que, na hora que corre, o que mais convem aos chefes d'Estado é escutar palavras de justiça, de observação e de verdade.

As recitas de amadores

Deu-se na vida de Lisboa, durante o século XIX, um phenomeno de explicação difficil, sob o ponto de vista dos costumes.

Lisboa, que era, em 1800, uma verdadeira escola de sociabilidade, apresenta, em 1900, um dos mais característicos exemplos da vida dispersiva das grandes cidades modernas.

Os habitos sociaes transformaram-se radicalmente n'um curto periodo de trinta annos. Depois da queda do ministerio Loulé, em 1870, sem que seja possível encontrar sombra de relação entre o acontecimento politico e o facto social, os salões hospitaes de Lisboa começaram a fechar as suas portas. Dez annos depois, da antiga vida só restava uma saudade entre os que a viveram e uma tradição galante para os que se lhes seguiram.

Na pintura do seu outeiro nocturno e sarau musical no solar das Picôas, pertencente á familia Freire d'Andrade, o velho marquez de Resende, com tão pouco respeito pela chronologia como tão grande poder evocativo, faz nos assistir a um vistoso serão, durante o reinado de D. Maria I. Propositadamente, o historiador reune n'esse quadro pittoresco as mais gradas personagens da côrte e entretem-as, segundo a moda delicada do tempo, em recreios poeticos e musicaes, glosando motes, cantando chacaras, dansando minuets. Os mais illustres fidalgos, como o marquez de Penalva, as mais graciosas damas, como D. Maria Carcome Lobo, a condessa de Oyenhausem e D. Catharina de Sousa entram n'esse torneio das Musas, dando motes rimados a Tolentino e Bocage. Passa-se a noute, compondo redondilhas e dedilhando cravo, ouvindo Glück e Cimarosa.

A elegancia d'essa vida, cheia de requintes amaveis, prosegue inalteravel até á mudança da côrte para o Brasil. Na Ajuda, em Queluz, em Mafra succedem-se os serenins e as representações. As princezas são musicas eximias. D. Maria Francisca Benedicta pinta retabulos para a basilica da Estrella. Os mais graduados fidalgos são socios da Academia. Póde essa era de gentileza, que deu Alcipe, não se notabilisar na politica, na arte, nas sciencias, mas comprehendeu e viveu a vida com o mais consummado espiritualismo. Toda essa galante sociedade de casacas de setim e de cabello empoado foi supremamente distincta e delicada.

De 1807 a 1833, as invasões, as guerras, as luctas intestinas, dispersaram essas atticas colmeias de douradas abelhas, mas mal serenam os ares, logo todas voltam, n'um borborinho de azas, voar sobre os canteiros rescentes da belleza.

Durante trinta e cinco annos, a tradição renasce e resiste. O conde de Farrobo edifica nas Laranjeiras o seu theatro. Recomeçam os bailes e os graciosos serões. A conversa, esse luxo das aristocracias, reaparece. A expressão popular *dar á lingua* aristocrática-se na phrase pittoresca *dar á divina*, de onde o chamar-se aos cavacos nocturnos do velho palacio de S. Christovão, presididos pelo marquez de Ponte de Lima, a *Rosa divina*. Os marquezes de Vianna, os condes de Carvalho e de Penafiel, preparam as mais

dos albornoses de estamemha de Argel, das casacas azues e cõr de bronze, das cabelleiras á *sansimonicensis*, das calças de lemisfo e dos colletes bordados. O janotismo convivia com o patriciado litterario. O estylo era na litteratura como na moda um titulo de nobreza. Cultivava-se o espirito com o mesmo escrupulo com que se cultivava a *toilette*. Os *dandys* mais intrepidos na estroinice nunca perdiam a linha e com o mesmo desembaraço raptavam uma bailarina, batiam-se em duello, retorquiam a um epigramma, representavam o *Frei Luiz de Sousa* e cantavam o *Duque d'Orléans*.

A essa geração de homens elegantes dava brilhantemente a replica uma pleiade de mulheres, que reinavam nos salões pela for-



Capitão Manoel da Silva Ramos

Professor de litteratura e historia de Sua Alteza

mosura e pelo talento: verdadeiras rainhas, que decretavam a gloria e que dispunham, na politica como nas artes, da celebridade dos homens. E quando já essas mulheres intelligentes e esses homens gentis não representavam mais a *Mademoiselle de Belle Isle* no theatro do conde de Carvalho e a *Maria Joanna* no theatro Thalia, ainda os serões e as festas das casas Palmella, Penalva e Vianna sustentavam com grandeza as tradições d'essa Lisboa brilhante e animada. No palacio dos condes da Figueira, a Santo André, era fervoroso o culto das artes litterarias. O palacio dos condes de Sabugosa, a Santo Amaro, passava por uma succursal da Academia. Nas salas forradas a pannos de Arrás dos viscondes de Asseca, nos salões dos condes de Murça e do marquez de Abrantes, nunca faltaram os artistas. Os Palhas davam representações ensaiadas pelo visconde de Almeida Garrett nos seus palcos improvisados do Dafundo e de Santa Apollonia. Mendes Leal lia as suas *Indianas* no palacio historico da *Flor da Murta*. D. Maria Kruz, nos seus salões da rua Formosa, recebia embaixadores e poetas, philosophos e ministros, marechas e janotas. E de repente, inexplicavelmente, tudo acaba. Vão-se apagando as velas dos lustres, fechando as portas dos salões hospitaes. A conversa declina e succumbe. A sociedade despede-se e dispersa-se. A tradição esmorece e morre. Um incendio consome o theatro das Laranjeiras. Os janotas passam as noutes nos clubs, deante de pequeninas mezas verdes, a jogar cartas. O espirito evapora-se. Um grande tedio contagia, como uma epidemia, a nova geração. A cerimonia — essa mascara dourada do egoismo, — preside como uma lei inflexivel ao simulacro da nova sociedade, que se organisa. E Bulhão Pato, que conheceu os grandes janotas e beijou a mão ás mulheres de espirito, evocando esses tempos brilhantes e comparando os á vulgaridade de agora, diz com desconsolo: Hoje, o que para ahí ha é uma *ensalada de carias ervas*, sem ser de Miguel Leitão, mas *ensalada de ervas... rasteiras!*

Na primeira serie d'estas cartas incessantemente se lastimou que a moderna sociedade portugueza tivesse perdido os habitos de requintada sociabilidade, com todos os seus prazeres, recreios e passatempos predilectos, que a distinguiram sempre na Historia e que ainda nos meados do século XIX imprimiram á primeira geração do liberalismo um tão notavel cunho de graciosidade. Esse caracter de galanteria é por tal maneira o distinctivo d'essa época, que o historiador tem de narrar a cada passo os saraus, as recitas e os bailes, se quizer pôr alguns acontecimentos politicos do tempo nos seus scenarios apropriados. Essas espirituosas e vivas mulheres, vestidas na *Levaillant*, na *Lombré*, na *Elisa*, que tão lindamente souberam usar os chapéus á Bolivar e tão intelligentemente souberam dispôr da sua graça e da sua belleza, essas bailarinas infatigaveis dos salões das Laranjeiras, essas actrices consummadas do theatro do conde de Carvalho, essas espectadoras buliçosas das touradas de fidalgos do campo de Sant'Anna, tiveram o poder de animar singularmente, de um prestigioso encanto, a vida por-



Major Garcia Guerreiro

Professor de sciencias militares de Sua Alteza

brilhantes festas do século, aonde concorre uma sociedade espirituosa e mundanissima, com janotas rivaes dos Antonys e dos Brummels, com mulheres dignas de inspirar a penna de um Goncourt. Era o tempo de D. João de Menezes, do conde de Vimioso, de D. José de Mello e Castro, de José Vaz de Carvalho, de Duarte de Sá, de D. José Coutinho de Lencastre, das capas á lord Byron,

tugueza, que decorre de 1830 a 1890. Por toda a parte encontramos vestígios da sua onnipotencia. O reinado de D. Maria II foi por tal forma o reinado da mulher, que as proprias revoluções populares, como a da *Maria da Fonte*, se orgulhavam de a terem, real ou fantasiosamente, como instigadora ou padroeira. Mas, aos poucos, essa realza foi se deixando destronar e, á medida que o homem se emancipava da sua tutela amavel, a vida ia perdendo todos os encantos, como um jardim abandonado, que deixa em breve de dar flores. Por isso, eu saúdo com alvoroço a regresso da mulher, com a sua gentileza, a sua affabilidade, a sua fantasia e a sua alada graça espirital, á presidencia de uma sociedade, que a direcção dos homens ameaçava tornar em breve fallida de espirito, de ideal e de belleza. As recitas dos dias 1 e 3 de maio, em D. Maria, marcaram a subida da mulher novamente ao poder; foram a sua mais completa proclamação.

Era agora o momento do dissertar sobre as vantagens, que resultariam da intervenção da sua poesia na lucta cada vez mais inclemente e odiosamente material, que caracteriza as sociedades modernas. Em contraste com o homem, cada dia mais aspero e mais soffregio, para quem a existencia se transmudou n'um immenso campo de batalha, a mulher conserva-se a mesma melin-



Alfredo King

Professor de inglez de Sua Alteza

drosa creatura, governada pelo sentimento, perpetuamente seduzida pela bondade e pela ternura, para quem o amor parece ser o unico destino da vida.

Os cinco contos, que approximadamente produziram as duas recitas, podiam, com menos despesa, com menos esforço, com menos trabalho, reunirem-se, á hora do jogo, n'um club elegante, ou á hora do negocio, n'um escriptorio de banqueiro. O homem teria mandado escrever e distribuir uma circular, e os cinco contos seriam summariamente cobrados em cheques ao portador, depositados nos cofres da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, com uma pequena noticia nos jornaes. Isso teria, infallivelmente, feito o homem.

Mas a mulher procedeu inversamente. Por esse dinheiro dos pobres, quiz dar o seu espirito, a sua formosura, a sua graça. Para obter esse parco subsidio á pobreza, não se poupou aos maiores sacrificios, não recuou deante das maiores difficuldades. Para obter a esmola, offereceu-se em espectáculo e por esse facto resgatou a humilhação indelevel da esportula dos ricos. Nenhum homem seria capaz de levar mais longe a subtilidade na piedade. E n'isto visivelmente se reconhece a superioridade do seu sentimento sobre o nosso raciocinio.

As recitas no theatro Normal — no theatro Gil Vicente, como Garrett queria que se lhe chamasse, e a que o cortezanismo dos liberaes deu o nome de D. Maria II — mereciam ficar archivadas pela narraçao de uma penna primorosa, ao mesmo tempo palaciana e arguta, amavel sem lisonja, galante sem affectação, que subesse, com clareza e finura, com sagacidade e brilho, descrever-lhes o encanto e extrahir-lhes o conceito.

Essas duas festas de galanteria e de espirito vieram revelar aptidões e talentos, que obstinadamente se occultavam sob apparencias quer rigorosas, quer frivolas, e deixaram largamente entrever n'uma sociedade, que apenas parecia distinguir pela pratica dos prazeres da vida, uma intima e luminosa attracção pela belleza e uma intensa sensibilidade artistica. Este era um thema, que maravilhosamente se prestaria a variações sem fim, pela minuciosa analyse de uma classe, cuja vida parece estar em contradicção com os seus verdadeiros sentimentos: obra vasta, para occupar volumes e não algumas paginas apenas, acompanhando a sociedade portugueza no seculo XIX, desde a morte de el-rei D. João VI, principiando na regencia da infanta D. Isabel Maria.

Outros virão a escrevel-a, talvez; e alguns capitulos ha d'ella que se acham escriptos por Bulhão Pato, Pinto de Carvalho, D. Thomaz de Mello, Julio Cesar Machado, Palmeirim e Visconde de Benalcanfor, sendo de lastimar que um mal entendido escripto, por parte dos seus possuidores, conserve enterrados nos archivos de familia subsidios de inapreciavel merito para a historia dos costumes portuguezes, e que um preconceito, que outra cousa não representa senão a falta de coragem de opinião, nunca tenha deixado desenvolver-se em Portugal o genero litterario das *Memoorias*, tão honrado na litteratura franceza e que conquistou em Inglaterra a voga, já centenaria, de uma verdadeira tradição familiar.

Assim, por exemplo, todos os successos da cõrte de D. José se acham archivados na correspondencia, em forma de diário, que D. Joanna Francisca Antonia Perpetua de Bragança, marquez de Cascaes, sustentou, durante annos seguidos, com seu irmão, D. João Carlos de Bragança, 2.º duque de Lafões, exilado na Austria, dando-lhe conta de tudo quanto de importante se passava na cõrte e no reino: correspondencia conservada em poder do sr. D. Caetano de Bragança. São do mais alto valor, ainda hoje, no genero epistolar, os archivos dos condes de Tarouca e da Ribeira, avultando, no d'esta ultima casa, a correspondencia da princeza D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José e irmão da rainha D. Maria I, com a marquez de Ponta Delgada, e uma copiosa correspondencia da marquez de Alorna.

Não faltará, d'aqui a cincoenta annos, um chronista elegante ou um pamphetario rigoroso, que para flagellar a decadencia do talento, do espirito e da graça na sua geração, cite, como um estimulo, o recente espectáculo em D. Maria, como até aqui nós faziamos, rememorando as festas dos condes de Farrobo e Carvalhal. E desde já é necessario dizer que, se a tradição do palco se quebrara nas altas classes, que a tinham, no principio do seculo XIX consagrado, nunca ella se perdera entre a burguezia e o povo. Ha actualmente perto de cem associações e clubs, em Lisboa, cujo divertimento predilecto consiste na representação de sainetes e comedias, na organização de espectaculos e concertos, para o que dispõem de salões com tablado especialmente improvisado a esse fim (1). D'essas recitas de amadores teem vindo para o palco dos principaes theatros de Lisboa algumas das suas melhores atrizes e dos seus melhores actores d'estes ultimos trinta annos.

E que de todo se não obliterara na aristocracia a moda tão eminentemente lisboeta do palco provam-o as duas recitas de 1877 e 1892, que ligam os espectaculos fidalgos de 1906 aos espectaculos mundanos de 1860. A primeira d'essas recitas, promovida pelos srs. duque de Palmella e D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, depois marquez de Pomares, a favor do cofre dos inundados e offerecida á rainha senhora D. Maria Pia, realisou-se no theatro D. Maria, em 25 de janeiro de 1887, e n'ella se representaram a comedia de Octavio Feuillet, traducção de Rebello da Silva, *A Fada*, desenhada pela senhora D. Maria Manoela de Brito, hoje marquez de Pomares, e pelos srs. barão da Regaleira, marquez de Bellas, Jorge Cabedo e Polycarpo Anjos, e o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, com a seguinte distribuição:

<i>D. Magdalena</i>	D. Adelaide de Tavora e Noronha
<i>D. Maria</i>	D. Anna de Noronha
<i>Manoel de Sousa Coutinho</i>	Jorge Cabedo
<i>Telmo Paes</i>	Marquez de Bellas
<i>Frei Jorge</i>	D. João da Camara
<i>Romeiro</i>	José Antonio de Freitas
<i>Prior de Benfica</i>	Carlos Munró
<i>Irmão Converso</i>	Conde das Antas
<i>Miranda</i>	Antonio Pessoa de Amorim
<i>Arcebispo de Lisboa</i>	José Torresão
<i>Pajens</i>	D. Luiz da Costa (Mesquitella) e D. Luiz da Costa (Villa Franca)

O espectáculo, que teve de ser repetido no dia 27, abriu com a symphonia da *Aida*, executada por uma orchestra de amadores sob a regencia de D. Fernando de Sousa Coutinho, hoje marquez de Borba. No primeiro intervalo, o marquez de Bellas, que era um *diseur* primoroso, feito n'essa escola dos salões, onde tinham recitado Garrett, Mendes Leal, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro e Gonçalves Crespo, disse uma poesia de Luiz de Campos, dedicada á Rainha.

A segunda d'estas recitas realisou-se a 24 de fevereiro de 1892. O programma compunha-se, além da parte musical, das tres co-

(1) Club Fernando de Lacerda, Gremio Recreativo Estrella, Grupo Dramatico José Ricardo, Academia Instructiva dos Operarios Municipaes, Club Dramatico União, Grupo Cesar Dias, Grupo Carlos Lima, Sociedade Dramatica Musical União e Recreio, Sociedade Alunos de Apollo, Sociedade d'Instrução Guilherme Coussoul, Club Ferreira da Silva, Grupo Dramatico União e Alegria, Grupo Dramatico Familiar Liberal, Sociedade Alunos de Minerva, Academia 1.º de Janeiro, Sociedade Philarmónica João Rodrigues Cordeiro, Sociedade Musical Ordem e Progresso, Club Dramatico, Club Recreativo de Beneficencia 8 de Maio, Club Recreativo do Calvario, Grupo Familiar Alegre, Academia Musical 10 de Agosto, Gremio Recreativo União Familiar, Grupo Dramatico 1 de Março, Associação dos Empregados Commercias e Industriales, Circulo Catholico, Academia Recreio Artístico, Academia Recreativa Operaria Baetense, Club Antonio Maria Baptista, Real Associação Musical 11 de Março, Grupo Familiar de Sargentos, Sociedade Recreio Operario da Fabrica de Portugal, Grupo Dramatico Cesar Dias, Grupo Dramatico do Bairro Operario, Grupo Dramatico Amizade, etc., etc.

medias *Les Brébis de Panurge*, de Meilach e Halevy, *La Fleur de Tlemcen*, de Legouvé e *Furnished Apartment*, com a seguinte distribuição:

LES BRÉBIS DE PANURGE

<i>Marthe Nervil</i>	D. Maria Antonia Ferreira Pinto
<i>Gabriel Dorcey</i>	Baroneza da Regaleira
<i>Jacques Durand</i>	Komarow, secretario da legação da Russia
<i>Baptiste</i>	Paulo Regaleira

LA FLEUR DE TLEMCEM

<i>Julie</i>	D. Branca Ferreira Pinto
<i>Miss Jackson</i>	D. Maria Antonia Ferreira Pinto
<i>Coronel de Saqueville</i>	Barão da Regaleira

Condessa da Cunha Mattos, D. Maria Francisco Trigoso e Carlos Regaleira

FURNISHED APARTMENT

<i>Madame Taupin</i>	D. Anna de Serpa Pimentel
<i>Celestine</i>	D. Branca Ferreira Pinto
<i>Madame Carambá</i>	D. Maria Isabel Ennes
<i>Victoire</i>	Baroneza da Regaleira
<i>Taupin</i>	Komarow
<i>Carambá</i>	Carvajal, addido á legação de Hespanha
<i>Sir John</i>	W. Gorchen, secretario da legação ingleza

As recitas d'este anno em nada desmerecem d'essas recitas memoraveis e já quasi esquecidas pelas actuaes gerações.

O espectáculo de 1 de maio, em beneficio do Hospital de Repouso para Tuberculosos, ficará na memoria de todos como a saudade de uma hora da mais rara belleza, vivida n'um mundo cada vez mais bello. A assistencia compunha-se de tudo quanto Lisboa conta de mais illustre na aristocracia, na politica e na litteratura. Nunca se viu plateia com tanta marquezia e condessa. Dir se-hia que fôra o mordomo da Casa Real quem distribuiria os convites. Nos dous camarotes de bocca assistiam as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, El Rei, o principe real e os infantes D. Affonso e D. Manoel. Eram nove e um quarto quando a senhora D. Branca Ferreira Pinto — que já na recita em beneficio das *Dames de charité*, desempenhando o papel de *Julia* na comedia de Legouvé, *La Fleur de Tlemcen*, se revelara uma actriz consumada, — abriu o espectáculo, recitando uma poesia do sr. Alberto de Oliveira. A doce voz de sortilegio, a inspiração de verdadeiro talento com que foram recitados esses versos, trouxeram-nos á lembrança a Bartet da *Nuit d'Octobre* e a Sarah da *Phédre*. Raros serão os poetas portu-



Capitão de engenharia Achilles Machado
Professor de chimica de Sua Alteza

guezes a quem terá cabido a ventura de ouvir as suas estrophes transfiguradas por voz de tanta melodia em tão cariciosos e sonoros accordes.

Como a doença de *madame* Morales de los Rios, que se achara subitamente rouca, fizera recear a impossibilidade de se representar a comedia hespanhola de Eusebio Blasco, *El Porfiado*, a senhora D. Maria do Patrocinio de Barros Lima convidara para preencher o espectáculo, com a comedia *Zaragueta*, o grupo de amadores di-

rigido pelo sr. conde da Figueira (D. Luiz), de que fazem parte algumas das mais salientes figuras da aristocracia de Lisboa.

Entretanto, a senhora D. Amelia Burnay Morales de los Rios multiplicava as inhaledões e as pulverisações, que cada vez a deixavam mais aphonica, e conseguia, recorrendo á desprestigiada homoeopathia, recobrar, á ultima hora, a voz, e apparecer em scena ás onze horas para jogar com seu marido o fino duello de epigrammas, a que se resume o sainete de Eusebio Blasco.

Abençoada homoeopathia, porque, se não fosse a sua milagrosa cura, ficaríamos privados de assistir a uma das mais graciosas manifestações do talento feminil!

A comedia é um desafio de subtilezas, que termina, á velha maneira de Labiche, por um casamento entre primos. Póde-se-lhe chamar uma peça de exame para uma actriz e um galan. E' uma verdadeira prova de concurso. Todos os jornaes fizeram justiça á suprema arte com que essa tão fina senhora desempenhou, auxiliada por seu marido e por Edgard Plantier, a espirituosa comedia. Mas o que os jornaes não poderam traduzir em palavras bastante lisonjeiras foi todo o encanto subtil com que *madame* Morales de los Rios sublinhou cada verso, pousando uma intenção em cada phrase, illuminando com um sorriso cada silencio.

E' impossivel dizer com mais delicada malicia, com mais airosa graça, esse papel de *coquette* fatigada de adoradores, que vem procurar fóra da cidade um refugio contra os apaixonados e encontra um primo a arder de amores e tão teimoso, tão *porfiado*, que alcança, depois de uma batalha de epigrammas, a mão da esquivia viuvinha.

Já perto da meia noute o panno subiu de novo, deixando vêr a mais sumptuosa salinba, que jámais se compôz em palcos portu-guezes. O bom gosto do sr. Alfredo Guimarães soube distribuir as colchas antigas, o mobiliario de estylo Luiz XVI, os vasos da India com ramalhete de rosas, os *bibelots*, as lampadas de *abat jour*, as plantas ornamentaes, com um d'esses talentos de decorador, que honram um artista.

A scena era digna, pelo seu luxuoso requinte, do torneio de gentileza, de elegancia flexuosa, de perfumado espirito, que ia começar entre as senhoras condessa de Arnoso e D. Celeste Jardim dos Anjos, no desempenho da comedia *Les deux Veuves*.

Bartet e Jane Hading não representariam melhor a comedia maliciosa de Mallefille. Estavam em scena duas actrizes, como por certo nunca passaram eguaes pelo tablado mundano do theatro Thalia, nas mais bellas festas das Laranjeiras!

Antes do *D. Beltrão de Figueirôa*, que Julio Dantas escrevera, ha tres annos, para o beneficio de Lucilia Simões, a senhora D. Branca Ferreira Pinto recitou ainda o monologo em verso, de Pailleron, *La Poupée*, com a mesma voz harmoniosa e o mesmo radiante talento com que dissera os versos do sr. Alberto de Oliveira, ao abrir o espectáculo.

No desempenho do *D. Beltrão de Figueirôa* entraram as senhoras condessa de Arge (Celimena), D. Luiza Mayer de Mello Sabugosa (Duenha), e os srs. Marquez do Lavradio (D. Beltrão), José de Mello Sabugosa (Marquez), conde de Santar (Frei André) e José de Castro Guimarães, que fez o pequeno papel do pagem.

Tanto na interpretação do *D. Beltrão*, como na execução espectacular da pavana da côrte, com que fechou a festa, as senhoras mostraram vantagens manifestas sobre os homens. Emquanto estes esqueceram o segredo de gentileza com que os seus avós faziam as cortezas e tiravam o *sombrero* de plumas, as mulheres não perderam a sciencia de collocar a *mouche* na face, de fazer as sumptuosas venias, de trazer com airosa graça o *verdugadim* e o *pannier*. Se os homens precisam de recorrer ás cabeleiras para representar as decorativas figuras do seculo xvii, ás mulheres basta modificar o penteado, vestir um traje anachronico, e logo parecem descer de uma tela de Rubens ou Van Dick ou sahir de um sarau no paço da Ribeira, em tempos d'el-rei D. João IV. Ninguem diria que a senhora condessa de Arge, com os seus laços côr de rosa no cabello, não fosse o authentico, precioso e adoravel modelo de Velasquez para a sua Infanta de Hespanha; assim como Luiz XIV não notaria, ao encontrar a senhora D. Luiza Mayer de Mello n'um corredor de Versailles, o menor anachronismo na sua *toilette*. A impressão que tivemos, ao subir o panno, foi de que uma viera da côrte de Filipe II e a outra de uma comedia de Molière.

E ambas honravam a sua procedencia: não se é mais gentil do que *Celimena*; não se representa melhor do que o fez a espirituosa *Duenha*. Velasquez ficaria satisfeito. Molière teria applaudido.

Por ultimo, os dez pares invadiram a scena para dansar a pavana, que fechou o espectáculo com um quadro sumptuoso, em cujas figuras pareciam ter collaborado o Veroneso das *Bodas de Canaan* e o Velasquez das *Méninas*.

Ainda nos parece vêr passar, em cerimoniaes venias, no passo magestoso da pavana, a figurinha, preciosa como um Saxe, de D. Isabel de Mello Sabugosa, vestida de turgidos damascos côr de rosa, e tão coberta de joias, que toda ella, a cada mesura, fulgurava, ao cruzar-se com sua tia, D. Luiza Mayer de Mello, vestida de velludo preto lavrado, graciosa como uma d'essas grandes fidalgas da côrte de Luiz XIV, que o Rei Sol apresentava ao embaixador da Prussia como as maiores maravilhas da França.

Fôra, com certeza, o bastão dourado de Gongora, que batera as tres pancadas classicas, antes do levantar do panno para o ultimo acto; e sem duvida que, se a senhora condessa de Arge tivesse vivido na côrte de Filipe II, D. Diego Velasquez da Silva lhe teria pedido a honra de a immortalisar, no seu traje de setim côr de rosa, com a sua fina juba enfeitada de laços e o seu signalzinho no queixo...

Dir se-hia que regressamos aos meados do seculo xix, ao tempo das tempestades politicas e das recitas nas Laranjeiras. Emquanto

as senhoras dansam pavanas, vestidas á Maria de Medicis, os jornaes fumegam como baterias em guerra.

Os theatros animaram-se. As *jotas* aragonezas da languida e pequena Ignez Muñoz causam sensualissimos delirios. Os jantares diplomaticos *batent leur plein*. No Colyseu cantam-se a *Tosca* e a *Gioconda* pelo mesmo preço por que se viu a *Flèche humaine* e as phocas amestradas. Vitaliani encarrega-se, em D. Maria, para completar a illusão de um retrocesso a 1870, de representar a *Vida de um rapaz pobre* e a *Maria Antonietta*: o repertorio de Emilia Adelaide e de Manuela Rey! No theatro da Trindade, um grupo de amadores aristocraticos canta o *Procopio Baeta*, adaptação velhissima da operetta franceza *Monsieur de Champ Fleuri passe la soirée chez lui*, com que Francisco Palha fez rir na mocidade os senhores nossos paes.

Com o *Procopio Baeta* na Trindade, a *Vida de um rapaz pobre* em D. Maria, o *Baile de mascarar* no Colyseu, a censura prévia na Im-



Boeyé de Pascal

Professor de francez de Sua Alteza

prensa, a intriga politica na Arcada, quem se não ha de suppor contemporaneo dos marechaes, vivendo no reinado de D. Maria II?

Depois de lermos o jornal da manhã, podemos reear que ao sahir de casa encontremos de novo as traquitanas e segas de bandeirinha, bamboleando sobre grossas correias, o bolieiro á sella, de nisa e bota de canhão com espora de roseta; os grilhetas a trabalhar, com uma funebre resonancia de cadeias, no embrechado do Rocío, "que Eusebio Candido gizára sobre o risco das *Thermas de Caracalla*"; os aguadeiros a encher os canecos no chafariz do Chiado; os janotas, de *badine* e calça flor de alecrim, a discutir o ultimo collete de Garrett; as mulheres, de cuiá e crinoline, agasalhando-se do sol com sombrinhas minusculas e franjadas.

Pois não se representa outra vez o *Morgado de Fofé*, de Camillo; a *Morgadinha de Vallôe*, de Pinheiro Chagas; o *Procopio Baeta*, de Francisco Palha; a *Maria Antonietta*, de Giacometti?

Ainda bem! Porque resuscitaram decerto o Tasso, o Santos Pittorra, o Rosa pae, a Emilia das Neves, o Antonio Pedro! Ha *quadros vivos* na Trindade, com fidalgas *pur sang*? Optimo! Devemos estar por volta de 1850. É com certeza o Farrobo o organisador da festa! Os jornaes são perseguidos? Então não ha duvida; governa o conde de Thomar e vamos ter, não tarda nada, a *Maria da Fonte*!

Já por toda a parte os antigos recreios da sociedade renascem e restauram-se. São os habitos passados que voltam. São os tempos mortos que resuscitam. A desenvoltura, a graça, o espirito estão outra vez em moda. Representam-se comedias nos palacios dos condes da Figueira, da condessa de Almedina, dos viscondes de Carnaxide, e ha recitas de amadores em verdadeiros theatros, com verdadeiras condessas. Nos programmas reaparecem os nobres appellidos dos Bellas, dos Pombeiros, dos Azambujas, dos Ribeiras, dos Pombaes, dos Paratys, dos Sabugosas, dos Castellos-Novos, dos Belmontes. Póde ser esta a mesma Lisboa de ha cinco annos, cerimoniosa e insipida, insociavel e retrahida?

Quando se realison a recita do D. Maria em beneficio do Hospital de Repouso no Lumiar, já o grupo aristocratico do palacio de Santo André annunciara a sua recita em beneficio das Officinas de S. José.

Ha, porém, entre estas duas festas, separadas por pouco mais de quinze dias, uma differença profunda. Ambas encantadoras, sim, mas cada uma com o seu caracter inconfundivel. A recita do D. Maria foi toda de elegancias modernas, de requintes e liberdades espirituosas. A recita do Trindade foi toda de ingenuidade, de anachronismo e de prudencia. Sente se que um espirito excessiva-

mente mundano presidiu á organização da primeira. Adivinha-se que um preconceito de tradição, convencional e regressivo, influenciou a segunda. Inevicelmente, o nosso espirito retrogradava para outros tempos, já meio apagados na memoria, ao vér resurgir essa velhissima operetta *Monsieur de Champfleuri passe la soirée chez lui*! A propria inclusão de *Quadros vivos* no programma dava lhe um perfume anachronico, trazia á lembrança as *redoutes* da imperatriz Eugenia, as festas de Compiègne e das Tulherias, onde as elegantes do segundo imperio, presididas pela marquez de Gallifet e pela princeza de Metternich, reproduziam os quadros de Watteau e de David ou figuravam proverbios com guarda-roupas orientaes. Por certo que nem a galante *Visite au marché*, onde Margarida Moser, vestida de *bergère* Luiz xv, tão encantadoramente faz menção de ouvir o galanteio de um peralta, de casaca bordada a matiz, nem a primorosa reconstituição do piedoso *Chemin de Croix en Catalogne*, são para comparar, na sua innocente e casta intenção, ao *Embarquement pour Cythère*, fielmente reproduzido em Compiègne pela cõrte pouco escrupulosa de Napoleão III.

Mas é que os *Quadros vivos* accrescentavam ao programma um caracter discreto de antiguidade. Sente-se que presidiu á confecção de todo elle um espirito intelligente mas regressivo, um espirito fidalgo, por excellencia, irresistivelmente seduzido pelo passado, para quem as audacias e as liberdades das gerações actuaes escandalisam. Foi uma festa onde transpareciam o preconceito e as tradições do theatro de Salvaterra — as crimonosas, exceptuadas!..

Este facto vem revelar mais uma vez o que não é segredo para ninguém: Lisboa, com o seu aspecto nivelador e cordeal, conserva ainda o seu *faubourg de Saint Germain*. Ha ainda um *clan* de velha nobreza, que, embora accitando politicamente o novo regimen, resiste com obstinado conservantismo a todas as infracções da pragmatica, a todas as audacias do pensamento contemporaneo, destruidor da velha e veneravel tradição de classe e de familia. D. Maria foi a festa espirituosa da elegancia; a Trindade foi a festa preconceituosa da *vieille roche*. Não cabem dois proveitos n'um sacco, diz o antigo rifão. Por isso, aquella teve a animação, a vivacidade, a desenvoltura, que lhe imprimiu uma sociedade emancipada de convenções e preconceitos de casta; e esta conservou o caracter ingenuo, antiquado, *vieux jeu*, fóra de moda, que lhe imprimiu uma sociedade eminentemente tradicionalista. Outra differença fundamental as distingue. Em D. Maria, foram as senhoras casadas que vieram ao palco. No Trindade, quasi tudo se passou entre meninas solteiras. A experiencia da vida revelou áquellas outras actrices improvisadas thesouros de attitudes, gestos e expressões, que as suas camaradas innocentes nunca, por mais esforços que empregassem, poderiam egualar nos seus candidos *bouts de rôle*.

E essa ingenuidade foi um dos encantos da festa promovida pelas senhoras marquez de Rio Maior e condessa de Azambuja e organizada pelo sr. conde da Figueira (D. Luiz). Por muito tempo, no palco da Trindade, errará o perfume d'aquellas flores aristocraticas, d'essas fidalgas devotas e juvenis, que com tanta uncção religiosa reproduziram o quadro *Un chemin de Croix en Catalogne*, ou que, com os seus fios brandos de voz, cantaram o cõro napolitano *Fanciuli Fanciuli*...

A recita do Trindade fechou a serie de festas d'este inverno.

Agora, sob este ceu de esmalte azul, tudo vae debandar. Já se annuncia a partida da cõrte para Cintra. Vão começar os cirios e as romarias. Ceres e Pomona succedem a Thalia e Terpsycore.

Quinze dias mais de animação, com as *parejas* aragonezas da Muñoz e os bailes andaluzes da desenvolta Imperio, e Lisboa en trará a despovoar se, serão assignados armisticios nas guerras jornalisticas, a intriga politica adormecerá no regaço maternal do governo. Da Lisboa de agora só ficarão as touradas do Campo Pequeno e os sorvetes do Martinho.

CARLOS MALHEIROS DIAS



Typo de belleza

O "Gaiato de Lisboa,"

Na noite da *réprise* da comedia o *Gaiato de Lisboa*, com que abriu este anno o theatro de D. Maria, e ao terminar o segundo acto, estivemos no camarim de Augusto de Mello, onde se discutiu acaloradamente não só o valor da comedia, mas a sua interpretação.

— O *Gaiato de Lisboa* foi representado pela primeira vez na Rua dos Condes — dizia um critico.

Ao que outro retorquiu:

— Se é certo que o publico assistiu pela primeira vez ao *Gaiato*,

tella e duque de Albuquerque, no de *galan*.

— E as senhoras quem eram?

— As sr.^{as} D. Maria Perestrello, depois viscondessa de Balsemão, no papel da casamenteira *baroneza*, e D. Maria da Arrabida da Costa, no da *velha*, avó do *Gaiato*.

— E a ingenua?

— Parece que foi desempenhado esse papel pela sr.^a D. Maria Amalia da Costa, irmã dos quatro Mesquitellas.

— E' muito curioso e mais



Conde de Mesquitella

(D. Luiz Antonio da Costa)

curioso seria agora publicar os retratos dos primeiros interpretes da tradução do *Gamin de Paris*.

No intuito de enriquecer as paginas do *Brasil Portugal* tratamos de procurar os retratos d'esses aristocraticos interpretes, quasi todos irmãos, da familia Mesquitella que tão grande nome tem na diplomacia e nas letras.

Pode-se conhecer a idade de uma mulher, pelo decote que ella usa. Em geral o decote desce, á proporção que a idade sobe, de modo, quanto mais decotada está a mulher, mais digna é do nosso respeito.

Definições de Charles Narrey:
Amolecimento de cerebro. — As conse-



D. Maria da Arrabida da Costa



Viscondessa de Balsemão

na Rua dos Condes, não foi comtudo ahí que ella se representou pela primeira vez.

— Como assim?

— Ahí vae em duas palavras: No antigo palacio em Arroyos, do conde de Mesquitella, foi o *Gaiato* representado em 1838, na vespera da *première* na Rua dos Condes, sendo seus interpretes: D. Antonio da Costa, *José*, o *Gaiato*; D. Luiz da Costa, depois conde de Mesquitella, no do velho *general*; D. Pedro da Costa, depois conde de Villa Franca do Campo, no

quencias d'am fogo d'artificio muito prolongado

Professor. — Um homem que dá ás vezes lições, mas



D. Antonio da Costa



Conde de Villa Franca

(D. Pedro da Costa)

de *sacristão*; D. João da Costa, conde de Mesqui-

Presbitero. — Um marido que vê tudo o que faz a mulher do seu amigo, e nada do que faz a sua.



Duque de Albuquerque

(D. João da Costa)

que ordinariamente as vende sem as dar.
Porcellana. — A coisa que ha de mais fragil no mundo depois do amor e da amizade.

CHRONICA



Dois factos recentes na politica interna de duas nações da Europa, tão afastadas uma da outra, pela idade e pelo tamanho, podem e devem servir de exemplo á politica e aos politicos latinos. E mais do que nenhum outro paiz — Portugal precisa conhecê-los, avaliar-os e segui-los. São exemplos que servem a todos os partidos politicos, conservadores e radicaes, aos que governam e aos que fiscalizam, aos que administram e aos que gritam, aos que vão á assignatura real e aos que fazem comícios.

Sentia o Ministerio Balfour que a opinião publica lhe fugia e resolveu deixar o poder. Mas estava-se na vespera de umas eleições supplementares e entendeu que deveria esperar pelo resultado da urna. Esta foi lhe absolutamente hostil. Balfour convoca os ministros, discutem a situação, e deliberam deixar o poder aos adversarios, mas não immediatamente, porque questões de grande importancia estavam em via de resolução. Eram questões internacionais que careciam de ser ultimadas. Ficou mais uma vez e quando o caminho se aplaina para a sua saída — porque na Grã-Bretanha, onde tão puro se conserva o systema constitucional, é tão difficil sahir do ministerio como entrar — as opiniões no seio do gabinete dividem-se ainda, e a maioria entende ficar ainda, hesitando se deve ou não pedir á corôa a dissolução do parlamento.

A dissolução? Tal qual, mas a dissolução para cabir e não para ficar, a dissolução para que o partido que entra possa assumir o governo com a força que lhe deve vir da opinião do paiz. Balfour fica, consulta os collegios eleitoraes que ultimamente tão adversos lhe tem sido, e consulta os porque o seu successor entende que carece d'essa força.

Isto só pôde succeder n'um paiz como a Inglaterra, onde como em nenhum outro, o patriotismo anda ligado ao maior bom senso, e as situações ministeriaes se conservam longos annos — uma mocidade inteira! — sem terem de recorrer a sophismas para se sustentar. A saída ha annos de Chamberlain é mais uma prova da comprehensão exacta que a Inglaterra tem do systema que a rege. A questão fiscal impunha-se ao governo, como o problema mais complexo e mais importante para o futuro da Inglaterra industrial e commercial. Lord Chamberlain percebeu o, communicou as suas apprehensões aos collegas, deu-lhes parte do seu plano, e depois de largas conferencias, o ministro sahio, não porque soffressem um choque as suas idéas, mas tão sómente porque percebendo-se que o paiz não estava preparado para soffrer tal transformação, entendia-se ao mesmo tempo urgente e necessaria uma propaganda efficaç n'esse sentido.

Chamberlain fez comícios e fez discursos para que a sua ideia e o seu plano creassem adeptos e o paiz accedesse a que os seus homens mais eminentes consideram hoje de absoluta necessidade. Compare-se tudo isto com o que se passa nos outros paizes, espe-

cialmente nas nações latinas, onde a politica estremece ás intrigas dos corrilhos e a acção dos homens de estado se gasta nas luctas de regedoria!

Este o exemplo que deveria servir aos nossos governantes. Agora o outro exemplo para as opposições, para os radicaes, para aquelles que se cançam gritando pela liberdade, e são os primeiros, muitas vezes, a confundir a com a licença. Não vem esse de Inglaterra; é um paiz muito mais pequeno e muito mais novo que lh'o dá — a Noruega onde os ultimos acontecimentos politicos dão bem nitida a ideia não só do patriotismo de um povo, mas ainda da sua cultura. Um dia, a Noruega entende dever separar-se da Suecia, poder só por si, pela sua historia que tambem a tem, pelos elementos de trabalho que possui, constituir uma nação. Não se lança n'uma lucta intestina que a dismantelaria tanto como á Suecia, e não prepara revoluções armadas, não acalenta a intriga contra o chefe do Estado. Mansamente mas altivamente, como quem tem a certeza do seu direito, apresenta-se ao seu Rei e diz-lhe: "queremos ser livres, queremos governar-nos, porque somos maiores. Irmãos sim, mas cada um na sua casa. Com qual dos dous quer ficar?"

O rei pensou talvez que tudo quanto havia feito para o bem da Noruega deveria merecer um pouquinho mais de gratidão e não gostou muito da pergunta, como não gostaria qualquer chefe de familia a quem um filho, chegado á maioridade, viesse intimal-o a escolher entre a sua casa e a de outro irmão, a elle que até ali mandava nas duas, mas submetteu-se e ficou-se com a filha mais velha.

A Noruega então prepara tranquillamente a sua transformação politica. Precisa de um chefe de Estado, lança os seus *pourparlers*, ouve as chancellarias, mas antes precisa conhecer bem da opinião publica qual das fórmulas de governo ella quer, se a republicana, se a monarchica. Abre-se o plebiscito, o paiz inteiro corre á urna, socegradamente, libérrimamente, sem pressões de ordem alguma, enquanto o parlamento onde estão representadas todas as cores politicas, desde os conservadores aos radicaes, não esquecendo republicanos e socialistas, esse parlamento constituído pelos homens dominantes na politica norueguesa, aguardam em silencio o voto do paiz.

Chegou por fim. Uma enorme maioria prefere a Monarchia á Republica, e note-se, que maioria n'um paiz de uma extraordinaria cultura intellectual, maioria de um povo educado e illustrado. Abre-se o Parlamento, e os chefes dos grupos avancados levantam-se para fazer declarações.

E que declarações são essas? De opposição intransigente contra a monarchia, de lucta constante com o monarcha escolhido, de accusação veemente contra os governantes? Não senhor. Levantam-se apenas para declarar, em nome dos seus grupos, republicano e socialista, que sendo principio democratico o respeito pela vontade da maioria, submettiam-se ao resultado da urna que consideravam a expressão fiel e exacta do sentir do paiz, e collaborariam com os governos em tudo quanto entendessem ser benefico para a Noruega.

Isto faz se n'um paiz onde, pode dizer-se, ha uma escola ao lado de cada casa!

Medita se n'estes dous factos que aqui deixo singelamente enumerados, e tirem d'elles, conservadores e republicanos, os corollarios que entenderem.

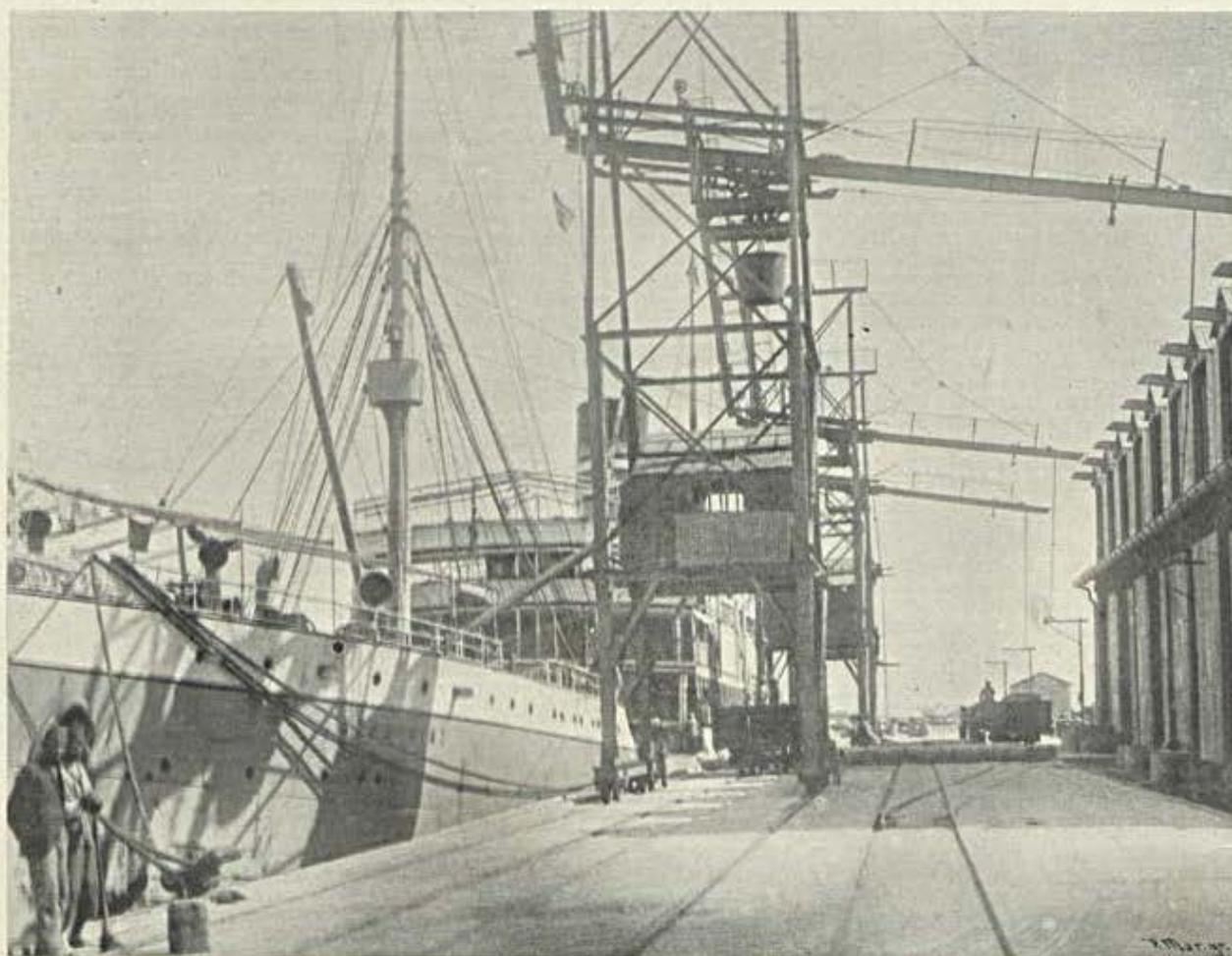
JOÃO COSTA.

Torre do Bugio



Esta torre que o viajante encontra logo ao avistar a barra de Lisboa, tem a sua historia. Edificada sobre um grande rochedo que termina o promontorio de areia, prolongamento da margem do rio desde a Trafaria, e a 2:500 metros da Torre de S. Julião, foi conhecida pelo nome de Torre de S. Lourenço. Começou a sua construcção no tempo de D. Sebastião, sendo concluida durante a invasão hespanhola, dizendo-se mesmo que ella serviu durante os reinados dos Philippez, para ali se praticarem as maiores atrocidades. Os portuguezes dignos d'este nome que trabalharam pela independencia eram levados para ali, mettidos dentro de sacco e precipitados sobre os rochedos onde o mar vem quebrar-se em fortes vagas. Estão vendo o horror do supplicio? Depois em 1640, D. João IV fez d'ella uma fortaleza. Mais tarde D. José I transformou-a em uma prisão do estado, e D. Miguel aproveitou-a para o mesmo fim. Estece portanto ligada sempre a Torre do Bugio á historia negra do terror e da arbitrariedade.

LOURENÇO MARQUES



Caes Gorrão. — Os temperley para descarga de navios



Um dos grandes vapores da Deutsche Ost Africa, atracado ao caes Gorrão



Caes Gorrão. — Trabalhos do muro de revestimento

O jogo em Monte-Carlo

IV

Relanceemos ainda a vista pelos grupos de jogadores que cercam as mezas. Aqui, tem uma das mezas da roleta; ao centro, um velhinho octogenario, cabeça toda branca, bigode enfezado como elle, olhos a darem-lhe uma certa respeitabilidade apparente, tremulo como um nervoso ou antes como um velho que tem uma historia estravagante no passado e uma historia curiosa no presente. E' um hollandez e habita Monte-Carlo desde que o Casino existe. Joga a roleta ha 50 annos, isto é, quando o principado de Monaco se transformou, jogava já havia 43, porque o Casino fundou-se em 1881. Da Hollanda passou para a França e depois de ter sido frequentador assiduo das casas de jogo do seu paiz, veio passar as noites para as casas de jogo parisienses. Foi d'aqui que passou para Monte-Carlo.

Este octogenario vicioso não faz vida de hotel. Conhecedor das regras da economia, tem uns quartos alugados, como qualquer estudante longe da familia. Não sei se este a tem, mas em Monte-Carlo a sua familia resume-se n'uma creada, nada creança, que não será quem *todo lo manda*, mas que é com certeza quem *todo lo hace*. Lava-o como a qualquer *bébé*, veste-o e acompanha-o sempre e por toda a parte. Quando elle entra nos salões do jogo, a sua *dama de compagnie* passa pelo somno n'um dos sophás da galeria. A's onze horas o velho sae, ella levanta-se e lá acarreta com elle pelo braço

até casa. Quando o frio é muito intenso, e as suas mãos mirradas tremem demasiado, dá-lhe de comer. Elle faz apenas uma coisa, sem auxilio da creada — jogar. E joga com o methodo que lhe ensinou uma pratica de meio seculo, joga para tirar uma média diaria de cem francos. Quando está em sorte, deixa-se seduzir e acompanha-a, mas mal percebe que ella lhe foge, mette os seus lizes no bolso do colete e safa-se da meza. A sua *toilette* distingue-se apenas por um *cache-nez* branco; de resto veste trivialmente uma sobrecasaca preta que se não abotõa e calça bota de duas soias.

Este genero de *toilette* não é positivamente o vulgar, entre os homens que se encontram nos salões de Monte-Carlo. Ha de tudo, é verdade, desde o pequeno *gommeux* que á tarde veste um fato claro e faz brilhar no seu *plastron* de setim um bello alfinete de brilhantes e á noite apparece de casaca, como se em vez de ir jogar ao 32 fosse ao theatro, ou a uma *soirée*, até ao artista ou ao philosopho que usa uma jaqueta sebenta e grande cabelleira a esbranquear-lhe a golla: mas a *toilette chic*, a *toilette* mais vulgar é o *smoking*, que dá aos elegantes o ar de creados de meza, antes de servirem o jantar.

E' assim que se apresentam os que vivem a grande vida, *inclusivé* os principes italianos e russos que se encontram no littoral a cada passo. Entre os primeiros, os italianos, distingue-se um velho tropego que habita Nice e que vae passar as noites ás vezes a Monte Carlo, quando no *Jardin d'Hiver* não ha maior *attraction*. Não joga, delicia-se, sentado n'um sophá a vêr as beidades que passam, a examinar todo esse mundo de *cocottes* caras e baratas que passeiam com *toilettes* deslumbrantes pelos salões, inglezas trajando de branco, italianas de velludo adamascado, russas decotadas e de grande cauda, allemãs de vestido curto e chapéu, francezas de todos os feitios, edades e tamanhos, muito bonitas e muito feias, muito elegantes e muito *gauches*. Todas essas mulheres usam bri-



lhantes. Umam teem brilhantes que scintillam á luz do gaz, outras brihantes que nem ao sol... brilham. Verdade é que ellas tambem não brilham já, nem pela formosura, nem pelo vestuario. Veem de Nice, de Marselha ou de Cannes, a Monte-Carlo jogar os seus dois luizes, com a esperança de levarem para casa uma fortuna. Escusado será dizer-lhes que não passam da esperança. Em dois minutos ficam sem um *sou* e então passeiam tristemente pelos salões o seu azar, mendigando dos conhecidos e desconhecidos uns

sino. Tem por tal fórma a paixão do jogo que mal se começa a servir a sobrezeza, levanta-se logo. De 200 pessoas que ordinariamente jantam á meza redonda do Hotel de Paris, é o primeiro a sair, atravessando a sala com o barrete na mão.

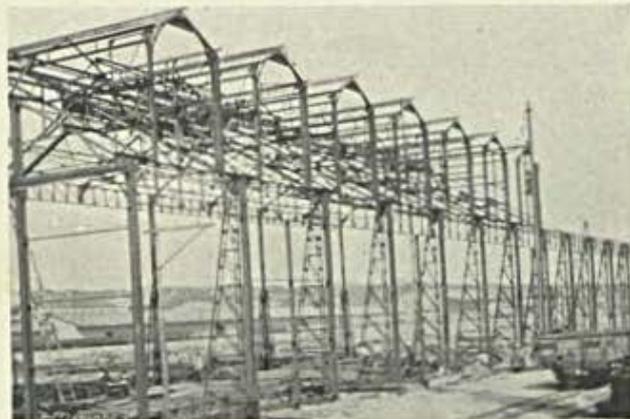
Prefere á roleta o *Trente et quarente*, um jogo que lhes não posso ensinar, mas no qual a minima parada é um luiz — vinte francos. Parece que os resultados que o Casino tira d'este jogo são inferiores aos ganhos da roleta.

Por isso tambem só ha duas mezas enquanto de roleta ha seis. Desejaria poder dar uma estatistica exacta do movimento de cada uma das mezas, mas é impossivel. No Casino a repartição da estatistica é secreta. Mas se disser que durante o dia giram ali uns trezentos contos, não exaggero com certeza.

Só em meia hora ganhou n'um dia 40 mil francos, um dos proprietarios da *Gazeta de Colonia*, que eu tive occasião de ver jogar. E



Dois grandes guindastes offerecidos pela commissão de melhoramentos de Lourenço Marques ao caes Gorjão;



Lourenço Marques. — Charpente metalica de um dos armazens, annexos ao caes Gorjão

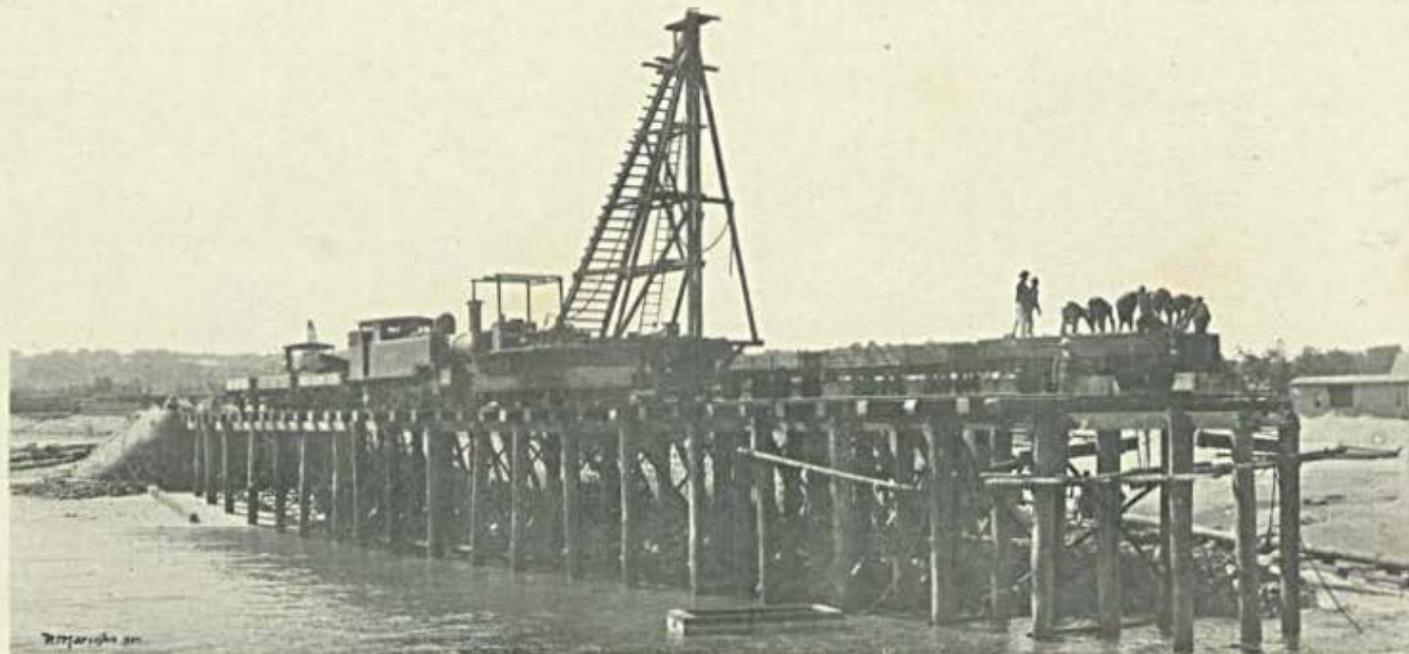
francos para jantar. E se voltam para casa é porque compram bilhete de ida e volta, o que sae mais em conta.

Quasi sempre ao lado do hollandez que descrevi já, senta-se outro velho, quasi da mesma idade, e que tem como elle uma historia, mas escandalosa.

Hospeda-se no hotel de Paris e foi á meza redonda que m'o mostraram. Na cara, parece-se com Victor Hugo e talvez porque o sabe, usa a barba como o auctor da *Légende des siècles* e dos *Miscarveis*. É senador francez, mas não vae já ao senado. Expulsaram-o, por ter sido apanhado a fazer batota, n'uma casa de jogo em Paris. Esta *contrariedade* da sua vida obrigou-o a deixar a capital franceza e veiu refugiar-se em Monte-Carlo, onde passa os dias e noites no Ca-

um allemão alto, robusto, de oculos, e enormes suissas castanhas Joga positivamente á doida. Agarra em montões de peças de vinte francos e espalha as, ao acaso, sem methodo, sem raciocinio sequer, pela meza da roleta. Põe 10 n'um numero em cheio, 4 em cheio n'outro, 30 n'um terceiro, cerca todos esses numeros, faz paradas ás côres, faz enfim um jogo brutal que dá nas vistas a quem é completamente profano na roleta, como eu sou. D'esta vez, em meia hora tambem, perdeu tudo quanto tinha nas algibeiras e que calculo terem sido uns quatro contos. Levantou se furioso, bufando como um leão, e depois de ter trocado algumas palavras com diversos creados das salas, foi por um d'elles introduzido no gabinete da direcção do Casino. Depois nunca mais o vi.

É riquissimo, contou me um compatriota, e todos os annos vem de Colonia passar um mez a jogar. Pertence ao numero dos que ganham, e a sorte que o protege é a prova mais evidente, de que não são os calculos, não é o methodo, não é o estudo, não é sobretudo o trabalho constante que a maioria dos frequentadores de Monte-Carlo tem, em escrever n'uns pequenos cartões os numeros que saem e as côres que se repetem, o que faz ganhar á roleta. Fran-



Caes Gorjão. — Descarga de um comboio de pedra depois do cravamento da estacaria

camente quando se observa o muito que aquella gente escreve, o sem numero de calculos que faz, chega-se a dar por mal empregado que os paes lhes tivessem mandado ensinar as quatro operações. E' a vergonha da arithmetica, como o jogo é afinal a vergonha de Monte-Carlo e Monte Carlo a vergonha da Europa.

A serio, quando penso bem na avidéz ambiciosa que move toda aquella sociedade de ambos os sexos e de todos os feitios, quando penso n'aquelle roubo organizado, porque é o roubo pela seducção, porque é a batota, á luz clara do dia, porque é o vicio tornado em habito, com todos os attractivos de um divertimento; quando se encara aquellas centenas de phisionomias tão diversas e animadas todas pelo mesmo sentimento, que nem por um momento sequer despregam a vista do panno verde da mesa, indifferentes a tudo e a todos; quando me lembro da serie enorme de desgraças que ali tem havido, das fortunas que lá se perdem e das dignidades que lá se vendem, pergunto a mim mesmo, se vale a pena offerecer aos forasteiros as bellezas de um parque incomparavelmente lindo, as joias artisticas de um monumento de gosto e de riqueza como o Casino, em troca do aspecto vergonhoso dos salões onde se joga, se os fins valem os meios, e se não seria mais util, mais agradável aos filhos do principado pagarem á custa do seu trabalho, um imposto, para o Estado lhes dar Monte Carlo tal como elle é hoje, a não pagarem nada e a terem ao pé de si, essa batota desenfreada, mais que tolerada, mais que consentida, imposta por um grupo de argentarios á França litteraria, e á Italia artistica, á Italia a mãe da civilisação moderna, e a essa França a que o seu maior filho chamava a capital da Europa?

Comprehendem muito bem que não faço phrases, e que não pretendo sequer ainda que ligeiramente fazer philosophia a respeito da influencia da roleta nas sociedades modernas; isso seria muito bom titulo para um pamphletto indignado, e detestavel para uns artigos de reportage, mas é difficil entrar ali n'aquelles salões, a sangue frio, e observando e pensando, dominar o nojo que de repente nos inspira.

João Costa.

Tomae um vaso, e deitae-lhe dentro o licor que quizerdes, ou tenha bom ou mau cheiro; e vereis que conserva sempre em si aquelle que teve a principio. Da mesma maneira as creanças: a doutrina que na primeira idade receberam, com essa ficam até á morte.

N'um certo grau de exaltação, ha muita vez, mais de positivo que de ideal.



Luciano Augusto Lobo Alves
† em S. Thomé a 24-11-905

Era filho do general de cavallaria, Augusto Alves, irmão do dr. Augusto Lobo Alves, e cunhado do dr. Ravara. Atraído pelo ideal de uma independencia pelo trabalho, expatriara-se para Africa e ali, durante 13 annos soube vencer e impôr-se, pela sua intelligencia clara, pela sua actividade, pela sua honestidade.

No «Brasil-Portugal» conta-se Luciano Alves amigo devotado, que hoje desfolham uma saudade sobre a sua sepultura mal fechada.

Politica internacional

Em que estado se encontra o movimento revolucionario na Russia? Não se sabe ao certo. As revoltas parciaes continuam. As grèves succedem-se em quasi todas as cidades. Os conflictos do povo com os cossacos não cessam. E no entretanto não se pôde dizer se a revolução progride, ou se momentaneamente o governo conseguiu dominal-a. Da Russia não ha noticias directas a não ser as officiaes expurgadas pela censura; e do estrangeiro as que nos chegam nem sempre são dignas de credito. Das medidas tomadas pelo ministerio presidido pelo conde de Witte nada se sabe tambem. Nem sequer se tem a certeza se este ministerio já entrou regularmente em funcções. Pelo menos o que na Russia actualmente está succedendo parece indicar, que é ainda a reacção que ali domina nas esferas governamentais.

Não se comprehende, com effeito, como é que sendo Witte primeiro ministro de um ministerio liberal responsavel e homogeneo, se tenham suspendido n'alguns districtos os ultimos ukazes contendo as concessões do tsar, se tenha ordenado violenta repressão contra os reformistas, se tenha consentido na perseguição sanguinolenta aos judeus, e não se tenha até agora por um acto solemne e decisivo levado ao convencimento da nação, que o imperador está decidido a fazer completa justiça ás reclamações da opinião publica. Ou Witte não é de facto ainda primeiro ministro, conforme se tinha annuciado, ou se o é, está prisioneiro da reacção, manietado por ella, o que equivale a dizer morto para as esperanças de libertação do povo russo.

E se este ultimo servidor da autocracia assim vê inutilizado o seu esforço, que esperanza restará ao throno dos Romanovs de resistir á revolução, que de todos os lados o bate com as suas ondas alterosas? A inutilisação da obra de Witte será o ultimo erro da burocracia, que parece apostada em provocar na Russia a mais temerosa das catastrophes.

A ultima medida decretada por Witte, mandando pôr em estado de sitio a Polonia, e ordenando a suspensão para o territorio polaco dos ukazes liberaes ultimamente publicados, produziu em todo o imperio e especialmente no antigo reino do Vistula a mais penosa e desconsoladora impressão. Pergunta-se naturalmente o que significa semelhante rigor para com uma população, que constitue indubitavelmente a porção mais activa e civilisada do imperio.

O que pediam e pedem, com effeito, os polacos? Exactamente o que pediam os finlandezes e que estes acabam de alcançar. Por que motivo então entendeu o tsar ceder nas margens do Torneá o que recusa nas margens do Vistula? Não se atina com a explicação, ou antes a explicação não pôde ser senão esta — os rigores para com a Polonia são inspirados, pôde dizer-se mesmo impostos pela Alemanha. E' sabido o afan e o exito negativo com que a Prussia tem procurado levar a cabo a germanisação das suas provincias orientaes, onde a população polaca resiste triumphantemente a todas as tentativas de absorpção. E' sabido tambem o mau humor com que foi recebida nos circulos governamentais de Berlim a noticia das concessões que a Russia ha mezes fez á Polonia, sobretudo na questão da lingua. Guilherme II, sempre sobresaltado com tudo que pôde pôr em perigo a unidade do seu imperio, teme que as concessões feitas á Polonia russa constituam um exemplo tentador para os polacos, que vivem no imperio allemão, e por isso esforça-se por impedir que a Russia adopte com relação ao reino da Polonia qualquer procedimento liberal. Parece que encontrou agora no conde de Witte um auxiliar bastante maleavel para se prestar aos seus desejos. Nem outra explicação pôde ter a subita reviravolta de Witte. Mas quaes são então as apregoadas habilidades d'este estadista, que assim rasga por imposição estrangeira o seu programma liberal, arriscando-se a sacrificar toda a obra de regeneração nacional, a que se dizia devotado? Parece-nos que se tem exagerado muito as habilidades diplomaticas e o liberalismo do conde de Witte. A respeito das primeiras, taes como se revelaram na conferencia de Portsmouth, já a revista *Russkoe Bogatstvo* e outros jornaes russos disseram o bastante. A respeito do segundo os factos estão-se encarregando de demonstrar qual elle seja.

Não ha duvida que ao lado do fallecido Pichve, de sinistra memoria, Witte devia passar por um liberal. Mas que elle o seja em absoluto, é do que duvidamos. Sobretudo que elle o seja da forma que seria indispensavel para fazer face á presente situação. Affigura-se-nos por isso a posição de Witte absolutamente comprometida. Nem é um franco reaccionario, que possa contar com o apoio incondicional da côrte e dos elementos conservadores para resistir victoriosamente á revolução; nem é um liberal convicto e decidido, que possa sem hesitações satisfazer as reclamações populares, desarmando pela sua attitude o movimento revolucionario. Para os aulicos de Nicolau II será sempre um demagogo perigoso, de que na primeira occasião asada será indispensavel descartar-se. Para o povo não passa de um aulico, disfarçado servidor da reacção, cujo secreto empenho é ganhar a confiança dos revolucionarios para lhes debilitar os esforços e fazer abortar os planos de transformação politica. Quer dizer em qualquer hypothese é um estadista sacrificado. Se vence a reacção por agora, Witte será precipitado do poder para dar logar a representante mais genuino da contra-revolução. Se pelo contrario é a revolução que triumphar, o povo passar-lhe-ha por cima, não lhe perdendo a sua indecisão. Mais uma vez a lição de Strafford terá sido desaproveitada; e mais uma vez por consequencia se terá confirmado

a predição do infeliz ministro inglez — «mal com o povo por causa do rei e mal com o rei por causa do povo.» Ou nos enganamos muito ou vai ser este dentro em pouco o epitaphio politico do conde de Witte...

Faz bem afastar os olhos do triste espectáculo que n'este momento a Russia nos apresenta, para os dirigir para a scena cheia de ensinamentos, que se está passando no norte escandinavo. Chegou-se ao momento solemne da dissolução definitiva do pacto, que por quasi um seculo tinha conservado unidas a Noruega e a Suecia, e n'esta hora critica sem luctas e sem recriminações os dois estados prepararam-se para separados encetarem cada um uma vida nova. De parte a parte a mesma nobre compostura não se desmentiu um momento. Nem ameaças, nem recursos á violencia vieram perturbar as ultimas horas da união. O divorcio fez-se em plena harmonia, por mais que a separação doesse a uma das partes. Mas essa teve o bom criterio de suffocar a manifestação de quaesquer ressentimentos para unicamente se inspirar no bem commum.

E que grande exemplo a Suecia e a Noruega acabam de dar ao mundo! Com orgulho estas duas nações podem proclamar-se as mais civilizadas da Europa, porque não haveria outras que em identica conjunctura procedessem de igual modo. E senão veja se: A Hespanha explora a Catalunha, que em vão reclama a sua autonomia; a Inglaterra persiste em negar o *home-rule* á Irlanda; a Prussia opprime as suas provincias polacas, ás quaes tira os mais elementares direitos; a Russia tyrana a Polonia, a Finlandia e o Caucaso, para não fallar nas outras nacionalidades curvadas ao ferreo jugo dos tsares; a Austria está provocando uma revolução na Hungria sómente para não lhe conceder as liberdades que ella reclama. E note-se que não se trata n'estes paizes de «separação» mas apenas de «autonomia». O que aconteceria se em qualquer d'elles o problema nacional se formulasse tal como as duas nações escandinavas acabam de pacificamente resolver-o? ... Não ha duvida de que é entre as potencias de segunda ordem, que hoje se refugia a ideia da justiça internacional. As grandes potencias mal lhes chega o tempo para planearem projectos de aggressão reciproca e para se arruinarem economicamente. E' por isso consoladora a lição que os dois sympathicos reinos escandinavos acabam de dar ao mundo.

Em que altura se encontra o projecto da nova *entente cordiale* entre a Inglaterra e a Russia? Officialmente nada consta. Foi até esse projecto ha pouco desmentido na imprensa ingleza. Mas a linguagem da imprensa russa é a este respeito sufficientemente elucidativa. Os orgãos, com effeito, mais conhecidos pela sua antiga anglophobia são hoje os que mais abertamente advogam a approximação com a Inglaterra para se resolver as questões pendentes entre os dois paizes na Asia Central.

Nos tempos aureos da autocracia, quando a Russia a si propria se considerava como a primeira potencia militar da Europa, eram os jornaes inglezes que se faziam os propagandistas do accordo russo-britannico, sendo por via de regra os seus artigos acolhidos com systematica reserva em S. Petersburgo. Hoje, depois da guerra e da publicação do tratado anglo-japonez, inverteram-se os papeis. A imprensa russa tornou-se singularmente expansiva a respeito da approximação com a Inglaterra. A imprensa ingleza, pelo contrario, como se obedecesse a uma palavra d'ordem, sem combater a ideia, antes mostrando-se-lhe favoravel, deixou comtudo de manifestar ostensivamente por ella o mesmo entusiasmo de outros tempos. Quer isto dizer que a approximação se não realise ou pelo menos que para ella se não trabalhe do lado da Inglaterra? De modo nenhum. Está-nos até a parecer que a este respeito alguma surpresa se prepara para muito breve. Viverá pouco quem o não poderá ver.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Improvisavam-se versos n'uma sala. Alguem deu o assumpto — a mulher

O primeiro pediu as rimas. Deram-lhe em *endo*. Elle improvisou:

*A mulher nasce gemendo,
A vida passa chorando,
E por fim morre soffrendo.*

Ao segundo, deram-lhe as rimas em *indo*, e o poeta disse:

*A mulher nasce fugindo,
A vida passa enganando,
E por fim morre mentindo.*

Qual dos dois poetas tinha razão?

BIBLIOGRAPHIA

O *Novo Medico*, do visconde de Sousa Soares, é um livrinho que ensina o tratamento a seguir em todas as doenças por um systema completamente novo, e explica o modo de conhecer-as pelos symptomas que apresentam. O *Novo Medico* é enviado gratuitamente a todas as pessoas que o requisitem ao Estabelecimento Pharmaceutico de Sousa Soares, rua de Santa-Catharina n. 1491 — Porto.

Sonetos

Christo

O' Christo quando te ôlho no Calvario
a minha alma te adora e se extasia!
Como o teu verbo os povos attrahia
á nova lei e ao novo santuario!...

Verberavas a torpe simonia;
e o culto ao vicio e ao mytho legendario
aniquilou-se. O Grande Missionario
desmascarava enfim a hypochrisia.

Foste tão justo e bom!... Não ha quem pague
quanto bem recebeu com teu exemplo,
por mais que attento seu dever indague.

Sempre ao perdão propicio te contemplo,
e se uma vez brandiste um azorrague
foi expulsando os vendilhões do templo.

Livre!

Podes erguer a fronte ó negro libertado.
Se tu és meu irmão, que importa a nossa côr?
Deus dá bem varia tinta ás flores d'um só prado
e a todas por igual o orvalho animador.

Podes erguer a fronte, e a sombra do passado
votando á maldição no que ella tem de horror,
colher um raio ao sol; laborioso e honrado,
livre, ter voz, ter lár, justiça, paz e amor.

Quebraram-te a cadeia apostolos modernos
d'uma religião exposta a toda a luz,
que tem nos corações principios sãos e eternos.

Bem haja quem d'essa arte a ideia reproduz
do universal convívio, em laços bons, fraternos,
na lei mais sabia e justa, a que préguo Jesus.

M. M. PORTILLA.



Constancio Roque da Costa

Ministro plenipotenciario de Portugal em Buenos Ayres, e a cujos esforços, na Alemanha, em França e em Inglaterra, se deve a convenção de todas as empresas de navegação para o estabelecimento de carreiras quasi diarias para a America do Sul, com escola obrigatoria pelo porto de Lisboa. Constancio Roque da Costa parte no proximo dia 11 para a Argentina, onde vai continuar os seus trabalhos de propaganda, tão util e necessaria n'este momento em que n'aquelle paiz se trata de navegação para a Europa tendo Vigo por porto «terminus».

Emprezarios de Theatros

(Gymnasio — Principe Real)



Valle

Fez do Gymnasio o throno da gargalhada, e o rei que lá empunha o sceptro é elle. Mais benemerito de que todos os medicos, tem desopilado milhares de fígados, e, pelo riso, tem levado a salvação a milhares de almas. Por isso tem em todas um pedestal com esta inscripção—O Taborda 2.º.



Ruas

E' o arrematante mór dos dramas sensacionaes. Tem feito chorar lagrimas de sangue a toda a Mouraria. E o bairro, em reconhecimento, enche todas as noites o theatro do Principe Real, de que é emprezario e dono.

THEATROS

D. Amelia.—Suzanna Després

Suzanna Després occupa um logar dos mais altos entre as grandes actrices contemporaneas. Pela segunda vez a viu Lisboa passar pelo palco de **D. Amelia**, e durante as cinco representações em que ella foi a protagonista experimentou o sentimento absoluto de que estava na presença de uma das mais radiantes, das mais elevadas interpretes da arte moderna. Porque é a arte moderna — é isto que constitue a grandeza de Suzanna Després — que encontrou a sua expressão maxima na sua physionomia, cuja mascara traduz todas as modalidades do soffrimento e da angustia, nos nervos, que vibram fortemente a todas as emoções, no gesto que completa a verdade, em todas as *nuanças*, em todos os pormenores d'essa difficil arte de representar, que attinge a grandeza de uma sciencia, e se transforma n'uma religião, quando tem cultores, interpretes e sacerdotes como a Després, como o Zaconne, como a Duse.

Mas o que ainda constitue o destaque e a originalidade d'esta actriz eminente é a escolha das peças do seu repertorio.

Repugna ao seu temperamento, e porventura á sua intelligencia, a criação de figuras que não sejam arrancadas á verdade, que não representem uma phase, uma modalidade da vida moderna, que não constituam, por assim dizer, um dos termos de uma equação social, que não facilitem a solução de um problema da vida. Por isso as chamadas peças de these, aquellas em que esse problema se enuncia ou pretende resolver-se, são as que quadram á sua organização artistica, porque é ahí que ella vai buscar essas figuras atormentadas da sociedade contemporanea, para insufflar na criação ideal do poeta a vida, a alma, o sangue, que lhe faltava. E' por isso que os seus auctores preferidos são De Brieux, Lemaitre, os Goncourt, Bernstein, Ibsen, todos aquelles que detestam a rhetorica sentimental e as declamações palavrosas, todos aquelles que fazem do palco uma tribuna para a propaganda de uma idéa, para o triumpho e para a defeza de uma doutrina.

Sob este ponto de vista não resta a menor duvida de que Suzanna Després nos palcos de Paris, ou melhor nos da Europa, que ella percorre, é uma collaboradora eminente d'esses intellectuaes, d'esses innovadores, que lançam através da arte a palavra da verdade, a sementeira das idéas, ao mesmo tempo que tentam ruir os alicerces de uma civilização falsa, feita de mentiras, de convenções absurdas, de iniquidades revoltantes, de nocivos preconceitos. Ella poz na arte de representar toda a singeleza, toda a candura, toda a sinceridade, que elles pozeram na arte de escrever. Dir-se-ia que pensaram n'ella, ao idear as suas creações, até aquelles que,

como o velho dramaturgo norueguez, nem talvez pelo nome a conheçam. Dir-se-ia que todos os modernos que querem lançar ás multidões, das taboas de um palco, a palavra da juitiça, visionaram mentalmente esta figura singela de mulher, a quem a natureza, na sua prodigalidade creadora, deu um coração vibratil para assimilar e reproduzir todas as dôres, uma alma sensitiva em que o amor, na sua accepção larga e profunda, parece enraizar-se, nervos que todas as sensações agitam, olhos que choram quando as lagrimas teem de traduzir as supremas amarguras, intelligencia vivissima que vai onde o escriptor não chegou, porque á figura por elle creada accrescenta o encanto feminino de uma arte esmerada e culta, em que nenhum pormenor escapa, nenhuma linha se perde, por fórma que a phantasia se torna realidade, e a ficção se transforma em vida.

E' por isso, que como Antoine, Suzanna Després, tem um logar á parte no theatro hodierno. Erraria quem procurasse achar lhe pontos de similhaça com a Duse, com a Sarah, com a Bartet, com a Réjane. Todas ellas são grandes, mas a grandeza de nenhuma d'ellas vem eclipsar a sua. Ou se levantem ás culminancias da tragedia, ou arranquem á paixão gritos dilacerantes, ou ponham na sua arte a suprema idealização do espirito francez, nenhuma vem tomar lhe o logar ou arredal-a do posto que ganhou á força de talento e de estudo, nenhuma lhe arrebatou o direito que conquistou de ser a mais alta representante de todas as atormentadas, de todas as victimas de uma sociedade madrastra e fossil, de todas as que se debatem n'uma ancia de emancipação e de luz.

Este logar á parte na arte dos nossos dias comprehendeu o Lisboa — honra lhe seja — e no mesmo theatro onde acclamou a grande Duse e a divina Bartet acaba de premiar com os seus applausos a interprete por excellencia de *L'Esure*, a admiravel creadora da Nora, de Massière, da *filie Elisa*, da ama das *Remplacantes* e da Jacqueline.

E injustiça flagrante seria o fechar estas palavras sem gravar n'ellas a impressão que nos deixou esse notabilissimo artista que se chama Lugne Poé, cuja arte aprimorada corre parelhas com a da gloriosa actriz, e que nos papeis que cria, como o do advogado na *Fille Elisa* e o pintor na *Massière*, tem uma individualidade inconfundivel, que Lisboa amplamente reconheceu, coroando todas as noites com applausos o seu trabalho artistico.

JAYME VICTOR.

D. Amélia, *O toque da recolher*. — **Príncipe Real**, *A filha do couteiro*. — **Trindade**. — **D. Maria**. — **Gymnasio**. — **Colyseu dos Recreios**.

A comedia allemã, em 4 actos, de Beyerlein, *O Toque de Recolher*, representou-se pela primeira vez no **D. Amélia** na noite de 25.

Caprichou a empresa em pô-la com propriedade e luxo, mandando vir da Allemanha todo o guarda-roupa, e conseguiu-o, por fórma que tivemos a visão de que todo o exercito da Allemanha desfiliava aos nossos olhos pelo palco do elegante theatre. Tal a variedade, o brilho e a riqueza dos fardamentos, que os actores ostentavam com garbo como se em vez de artistas portuguezes fossem a valer militares germanicos.

Cortam a comedia, que tem interessantes effeitos theatraes, como o conselho de guerra no 3.º acto, e scenas empolgantes como a do ultimo, em que o quartel-mestre mata a filha com um tiro de revólver, situações de drama, todas passadas no regimento, entre militares. E' portanto, uma peça militar allemã, bem allemã, em cujo desempenho sobresahiu Paimyra Bastos, no papel de Clara, em que ella poz toda a emoção artistica, Augusto Rosa no do velho quartel-mestre, representado com grande correção e estudo, Alves no tenente de Lauffen, que marca mais um progresso na sua carreira, e ainda Pinheiro, Carlos de Oliveira, Cabral, Alfredo Carvalho, que no lanceiro é o elemento comico da peça.

A reaparição de João Rosa, que na scena do tribunal faz o papel de auditor, foi saudada com applausos prolongados que vivamente emocionaram o grande artista.

No **Príncipe Real** subiu tambem á scena uma peça nova, *A filha do couteiro*, de Alexandre Fontane e Luiz Decori, versão correcta de Pedro Cabral.

Drama sensacional como áquelle theatre convém, a seducção de uma rapariga, o repudio pela familia, e mais tarde o arrependimento e regresso á casa paterna, são o mobil da acção, cortada de episodios que interessam o publico.

Esse papel de seduzida coube a Lucinda do Carmo, que n'elle desdobrou os seus muitos recursos artisticos, por fórma a receber fortes applausos do publico, que os prodigalisou tambem a Luciano no papel de pae ultrajado e a Ernesto Valle, o seductor, tão ao vivo representado, que se tornaria um perigo na vida real se para ella trouxesse a arte e o geito de que em scena acaba de dar provas evidentes.

Agradaram peça e desempenho e isso justifica a affluencia de espectadores.

Continúa na **Trindade** a dar enchentes a *Musa dos Estudantes*; exgotado *O Marquez de Villemor* põe em scena **D. Maria a Morgadinha**, *Pedra de Toque*, *o Amor de Perdição* e emfim as peças consagradas do seu repertorio; o **Gymnasio** com o *Pae e Mãe*, e as sempre hilariantes comedias de Gervasio Lobato, e finalmente o **Colyseu**



Malheiro Dias, auctor do «Grande Cagliostro»

dos **Recreios** em que a magnifica companhia todas as noites faz encher o vasto circo, são os espectaculos que n'este principio de inverno Lisboa offerece, graças aos quaes conseguimos não morrer de... mysantropia.



Paimyra Bastos — no «Grande Cagliostro»

ROCHEFORT

Madame de Rute pegou-me na mão e sem me dar tempo de fugir, apresentou-me a Rochefort. Olhei.

Um homem elegantissimo, com um grande ar patricio e uma viril cabeça de pensador e artista, estendeu-me a mão.

Desde o primeiro instante em que trocámos o primeiro olhar e o primeiro *shake hand*, uma subita e imperiosa *sympathia* levou-nos um para o outro.

O republicano Rochefort, o fogoso demolidor do *Intransigente*, é o mais aristocrotico e seductor de todos os principes sonhados pela nossa phantasia, que ambiciona encontrar no homem, acima de qualquer outra prenda, celebrada pelo mundo, a fina e perfeita galanteria *ancien régime*, o sagrado respeito pela mulher, hoje quasi totalmente extincto, em virtude do qual Luiz XIV cumprimentava as suas creadas e os bispos ajoelhavam aos pés da Pompadour para lhe calçarem os pantufos.

Rochefort, o conde Henrique Rochefort, o brilhante *Grimsel* do *Gil Blas*, o fogoso estylista, cuja palavra explue como um ariete, prostrando e levando de vencida os adversarios, possui a mais formosa cabeça de homem que eu tinha visto na minha vida.

O cabelo branco e setinoso faz-lhe em torno da testa elevada, de um puro desenho correctissimo, um soberbo engaste argenteo; no alto da fronte levanta-se uma poupa revolta, similhante á aza de uma garça.

Os olhos de Rochefort, do azul metallico, dardejам o brilho do florete e transmittem-me uma vaga sensação de medo quando se cravam nos nossos, descendo pela profundidade da expressão até ao mais intimo da nossa alma, como as sondas que vão a mil braças procurar o fundo do oceano.



Lucilla Simões — no «Grande Cagliostro»